

# RETORNO AS AULAS PÓS PANDEMIA: REFLEXÃO ACERCA DAS CONDIÇÕES EMOCIONAIS E PSICOLÓGICAS DOS ALUNOS E PROFESSORES

Tereza Cristina Bastos Silva Lima <sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir acerca das condições emocionais e psicológicas dos alunos e professores, ao retornarem as aulas pós pandemia. Assim, foi feito um estudo bibliográfico em que nos respaldamos nos seguintes autores: Vygotsky (2001), em que trata da relação existente entre educador-educando e a afetividade. Freud (1986), no que diz respeito aos procedimentos psíquicos emocionais e o afeto e por último, Wallon (1979), nos embasa no que tange a afetividade e a personalidade. Acreditamos que os três autores nos respaldam em abordar a necessidade de os governantes terem um olhar diferenciados para os alunos e os estudantes, pós pandemia. Diante do que estamos vivendo cabe refletirmos a respeito desse retorno, afinal de contas, nem os professores e muito menos, os alunos são máquinas em que apertamos um botão e colocamos para funcionar. Existe fatores determinantes que precisam ser investigados, avaliados e principalmente, considerados, antes de se pensar em um retorno as aulas.

**Palavras-chave:** Pandemia, Retorno as aulas, Problemas Psicológicos, Emoção.

## INTRODUÇÃO

O ano de 2020 não foi fácil para ninguém, no entanto, acreditamos que a área mais afetada foi a da educação, até porque, as escolas tiveram que fechar e os alunos ficaram órfãos do apoio pedagógico, psicológico e emocional proporcionados pelos colegas e professores.

Infelizmente, os professores das escolas públicas, não estavam preparados para dar aulas online, haja vista não terem apoio material e financeiro por parte dos governos. Os alunos em sua maioria, não dispunham de condições para assistir aulas online, dessa forma, o ano de 2020 não existiu aqui na Bahia.

Agora, o nosso governador exige que os professores retornem as aulas, sem nenhum preparo emocional e psicológico, inclusive, ameaça cortar os salários daqueles

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciência da Educação pela Universidade Internacional Três Fronteiras [terezacristinabastos@gmail.com](mailto:terezacristinabastos@gmail.com).

que se negam a retornar. Essa atitude desumana e autoritária, está causando aos professores uma mistura de desânimo, frustração e estresse.

Diante do que estamos vivendo cabe refletirmos a respeito desse retorno, afinal de contas, nem os professores e muito menos, os alunos são máquinas em que apertamos um botão e colocamos para funcionar. Existem fatores determinantes que precisam ser investigados, avaliados e principalmente, considerados, antes de se pensar em um retorno as aulas.

Assim sendo, pretendemos aqui fazer uma reflexão a respeito dessa volta as aulas, buscando analisar, mesmo de forma superficial, o estado em que estão os professores e alunos, no que tange o psicológico e o emocional.

Compreendemos que a diversidade de realidades educacionais, sociais e econômicas dentro do Estado da Bahia é, por si só, um grande desafio mesmo em períodos não emergenciais. Todavia, a pandemia trouxe um cenário ainda mais desafiador e que precisa ser compreendido de maneira mais profunda, possibilitando suscitar novos conhecimentos e mapear possibilidades de ações para o presente e para o futuro.

Acreditamos que antes de se pensar em retornar as aulas presenciais, é necessário que se faça uma revisão e adequação do atual modelo de educação mediada por tecnologia por meio de novos formatos que possam, de fato, garantir a aprendizagem significativa dos educandos, assim como permitam que esse curso educativo seja avaliado de forma assertiva. Dessa forma, tais assuntos, entretanto, estão atrelados, não somente pela busca por novos formatos tecnológicos, mas de clara e competente formação dos professores e outros profissionais da educação. Assim, novos e aprimorados modelos híbridos de ensino (presencial + remoto) deverão ser capazes de garantir o melhor dos dois mundos para educadores e estudantes e, uma vez implantados de forma competente, colaborarão diretamente na transição para modelos mais remotos em tempos de crise ou não. Tudo isso, levando-se em consideração que educandos e educadores são seres bio-psico-social.

Contudo, acreditamos que por meio de pesquisas e testagens de modelos e estratégias educacionais que valorizem e os autores da educação (professores e alunos), fazendo-os sentirem participantes e inseridos no contexto, de forma colaborativa e contextualizada, que por sua vez, estejam ancoradas em políticas públicas, subsídios, capacitação profissional e que garantam acesso igualitário, poderá se constituir em caminhos fundamentais para o presente e para o futuro.

Assim, necessário se faz, a redução das desigualdades educacionais (que surgem e pactuam de algum modo com todas as outras configurações de exclusão e injustiças sociais), infelizmente, cada vez mais proeminentes e que se agravaram nesse período desafiador em que estamos vivendo. Fato, que constataremos refletido nas principais avaliações oficiais e, provavelmente, nos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e dos principais vestibulares no que tange ao acesso ao ensino superior nas principais universidades públicas brasileiras. Necessário se faz ressaltar que o momento atual será um balizador das desigualdades dos próximos anos.

Assim, os desafios que os professores deverão enfrentar, ao retornar as aulas presenciais são muitos. E vão a partir dos aspectos de estruturas organizacionais da escola, que precisará acatar aos protocolos, aos emocionais, que envolvem não apenas ao acolhimento dos educandos como também o aspecto familiar. Compreendemos que todos estão, de alguma forma, sensíveis a tudo que vem ocorrendo e, de certa maneira, vacilantes, apreensivos e um tanto esperançosos com o que acontecerá daqui para frente. E, embora o educador faça parte desse grupo, quando se abrirem os portões da escola, será ele o catalisador de todas esses vetores, deste modo o desafio será grande e seu papel de fundamental relevância.

Ao retornar as aulas presenciais, o professor deverá abrir mão de novas estratégias para se reinventar tanto no que diz respeito as relações afetivas quanto ao que tange o seu fazer pedagógico, repensando os projetos, considerando novas conduções, além de outros tratados para a rotina, que será absolutamente desigual. Dessa forma, essa nova realidade será desafiadora para todos na escola, especialmente para os educadores que são o alicerce dos alunos, de seus familiares e da coordenação escolar. Destarte, a acolhida necessita além disso se estender a eles. Portanto, Gestores e coordenadores carecem estar abertos para ouvir esses profissionais nas suas questões, trabalhando como parceiros.

Dessa forma, necessário se faz pensar que, Escola é um lugar em que ocorre encontro. E nesse local, as crianças e os adolescentes coexistem, se socializam e aprendem umas com as outras, com os educadores. Deste modo, pensar um panorama de aprendizagem onde parte da turma permaneça em sala e outra parte online é pensar numa exceção, em que haverá perdas de diferentes configurações para todos. Competirá, porém, a cada escola definir como decorrer de acordo com o que estiver determinado por lei, que defende o direito à educação plena da criança e do adolescente. Assim, acreditamos que o mais interessante e produtivo seria investir em soluções que possam atender ao coletivo,

a um retorno às escolas a seu tempo, de forma saudável, segura e cheia de afeto, em que professores e alunos se sentissem preparados e completos para encararem a esse novo desafio.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho está respaldado na pesquisa bibliográfica, até porque, ela tem por finalidade aprimorar e atualizar o conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas. No nosso caso, nos aprofundar no que diz respeito ao nosso tema: **RETORNO AS AULAS PÓS PANDEMIA: REFLEXÃO ACERCA DAS CONDIÇÕES EMOCIONAIS E PSICOLÓGICAS DOS ALUNOS E PROFESSORES.**

A pesquisa bibliográfica é então feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades. (CHIARA, KAIMEN, *et al.*, 2008).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Acreditamos que o professor deva se reenventar para assim poder assumir o novo papel ao retornar as aulas pós pandemia. Assim sendo, traremos as contribuições de Vygotsky (2001), em que trata da relação existente entre educador-educando e a afetividade. Freud (1986), no que tange aos procedimentos psíquicos emocionais e o afeto e por último, Wallon (1979), nos embasa no que tange a afetividade e a personalidade.

### **Contribuições de Vigotski**

Para Vigotski (2001) a relação existente entre educador-educando está vinculado à afetividade onde “o mestre deve viver na comunidade escolar como parte inalienável dela e, nesse sentido, as suas relações com o aluno podem atingir tal força, transparência e elevação que não encontrarão nada igual na escola social das relações humanas” (p.455).

Nessa perspectiva, os escritos de Vygotsky (1998, 2001, 2004) apontam para a indigência de se pensar uma nova escola, lugar esse que precisa oferecer espaço para a

interação, aos debates, às reflexões no que diz respeito aos conhecimentos, as trocas de experiências que precisam ser valorizadas.

Compreendemos que o autor está atualizado no que tange a nossa atual situação, devido a pandemia, principalmente no que diz respeito ao papel do professor atualmente.

O papel do educador vem sofrendo alterações ao longo do tempo, principalmente no que diz respeito a pós pandemia. Para Vigotski (2001) o professor é um “organizador do meio social” afirmando que o educador liberto da obrigação de ensinar, deve saber ainda mais, pois para educar é imperioso saber pouco com clareza e precisão, já ocupando seu novo papel, de conduzir o educando em seu aprendizado, é imprescindível um saber mais robusto.

Vigotski (2001) acredita que a emoção é a reação reflexa de certos estímulos que são mediados a partir do meio sociocultural. Portanto, as emoções influenciam e diversificam o comportamento, assim, quando as palavras são ditas com sentimentos agem sobre o indivíduo de modo diferente, o contrário essa relação fica prejudicada.

Portanto, como voltar as aulas, sem antes levar em consideração o emocional do professor e do aluno? Assim, emoções são divididas em dois grupos, um relacionado aos sentimentos positivos (força, satisfação, entre outros) e outro articulado aos anseios negativos (depressão, sofrimento, ...). Assim, cada cor, cheiro e sabor despertam um sentimento de prazer ou desprazer e as emoções despertadas pertinentes à existência têm caráter ativo, servindo como organizador interno das reações, estimulando ou inibindo-as (VIGOTSKY, 2001).

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulação das reações pelo organismo. (VIGOTSKI, 2001, p. 139).

Levando em consideração a afirmação acima e articulando com o que estamos vivendo neste momento, podemos constatar que não vai ser uma situação muito delicada, caso o professor seja obrigado a retornar as aulas, totalmente despreparado, com as emoções a flor da pele, isto vale também para os alunos.

## Considerações de Freud

Freud baseia sua metapsicologia nos procedimentos psíquicos inconscientes que trazem implicadas a problemática da natureza do mental e sua analogia com a representação focando o sujeito do inconsciente. Para esse psicanalista, o afeto não é apenas um conceito, mas vários. Para ele existe afeto de modos distintos, com várias denotações. Assim, em um sentido mais geral como sinônimo de emoção e sentimento, em um momento como quantidade/quota de energia ou excitação, em outro, como expressão de gasto de energia. Os afetos estão relacionados ao corpo, às pulsões e às representações e surgem em toda a obra de Freud assumindo também algumas nuances.

Freud, ao articular a palavra com o afeto, afirma:

Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens. Assim, não depreciaremos o uso das palavras na psicoterapia, e nos agrada ouvir as palavras trocadas entre o analista e seu paciente. (Freud, 1986: 10)

Diante do exposto, refletimos a respeito do retorno as aulas e de quais palavras serão utilizadas pelos professores, diante desse quadro lastimável em que se encontram, não tendo apoio psicológico algum e principalmente, por esta despreparado para esse novo jeito de fazer e pensar educação. Até porque, estamos falando do inconsciente, haja visto que conscientemente, o professor pense que pode retornar as aulas, mas inconscientemente ele pode vir a manifestar depressão ou outra doença devido a essa força de barra.

Acreditamos que as emoções participam do processo do corpo, bem como da tomada de consciência. Assim, consideramos que a probabilidade da qualidade da inconsciência seria completamente excluída no que diz respeito às emoções, sentimentos e afetos. A distinção em relação aos instintos se faz em caráter de como a repressão está incidindo sobre os afetos/sentimentos/emoções. Dessa forma, apenas ao ser transformado pela repressão o afeto aparece com uma quota qualitativamente distinta ligando o inconsciente.

Para Freud, os afetos estão relacionados aos movimentos expressivos e à quantidade de energia. Dessa forma, a necessidade não está relacionada apenas aos requisitos da comunicação de algo, mas ocorre também quando o sujeito forma a ideia para si próprio. Assim ele afirma que, “Se mantenho o ponto de vista de que se deve acrescentar à ‘expressão das emoções’, bem conhecida como concomitante físico dos processos mentais, a ‘expressão do conteúdo ideacional’, posso verificar claramente que meus comentários relativos às categorias de grande e pequeno não exauram o assunto” (p. 125).

Dessa forma, o que parece estar em discussão aqui é a indissociabilidade entre afeto e representação, as relações das emoções/afetos/sentimentos com a ideia/representação que, sendo abordadas em sua articulação com o inconsciente e sua compreensão em termos de corpo e de mente.

### **Considerações de Wallon**

De acordo com Wallon (1979), a personalidade é constituída de duas funções básicas: afetividade e inteligência. A afetividade está vinculada às sensibilidade internas e se orienta em direção ao mundo social e para a construção da pessoa, por sua vez, a inteligência, está atrelada às sensibilidade externas e está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto. Dessa forma, as relações sujeito e objeto do conhecimento e a afetividade fazem parte da intervenção perspicaz que impulsiona a empatia, a curiosidade, capaz de fazer a criança e o adolescente avançar em suas hipóteses no processo de desenvolvimento e de aprendizagem. Nesse sentido razão e emoção não se dissociam, visto que uma não acontece sem a outra.

Dessa forma, ter consciência das relações afetivas que acontecem de forma sensível e que predominam em momentos de mediação coloquiais está em conformidade com o conceito de educação mais humana, tratando o estudante como pessoa completa, lhe dando a possibilidade de transformar a informação em aprendizagem. Todavia, essa atividade não será possível se não dermos a mesma atenção ao professor, principalmente em pós pandemia.

Wallon (GALVÃO,1995), afirma que, a afetividade engloba as emoções, que é de natureza biológica, dos sentimentos, das experiências humanas, do desenvolvimento da fala, que permite comunicar ao outro o que sentimos.

Em consonância com Wallon, a existência de estágios distintos e descontínuos no desenvolvimento humano, são caracterizados por rupturas e reformulações. De tal modo, a passagem de um estágio ao outro não é acontecida de forma tranquila; ao contrário, crises e conflitos estão presentes e desempenham um papel decisivo nas alterações psíquicas da de uma pessoa. Não obstante o desenvolvimento ser apresentado até a adolescência, o autor assegura que ele não se esgota nesse momento, pois “a constituição do “eu” é um processo infundável.

Diante do exposto, podemos pensar que o professor e o alunos são pessoas que possuem uma constituição distinta, pós pandemia, até porque, as experiências vividas por eles, modificaram à sua maneira de viver, pensar e agir. Portanto, é necessário investigarmos que pessoas são essas, o que eles pensam e querem, antes de colocarmos em uma sala de aula.

Confiamos que a afetividade no desenvolvimento humano, especialmente na Educação, envolve o crer que o estudante seja capaz de se tornar uma com mais autonomia, solucionando problemas em sua vida, bem como, esperamos que ele seja socialmente participativo interagindo com o meio que o cerca. Assim, uma convivência baseada no respeito, uma relação afetiva positiva entre educador e educando possibilita uma relação harmônica e com isso uma aprendizagem significativa.

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir, de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro (WALLON, 1975, p.159).

Portanto, o eu, o outro e as interações determinam a personalidade do sujeito e o modo com que ele irá interagir com o mundo. Assim, clima emocional, a forma que ele vai se direcionar em distintas atividades é determinada pela relação e o clima que é estabelecido por ele. A partir daí é construído o campo afetivo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A nossa reflexão serviu para pensarmos em uma pesquisa de campo junto aos professores e alunos no retorno as aulas, até porque as nossas reflexões foram baseadas apenas no que trazem os autores: Vygotski, Freud e Wallon, ficando uma lacuna muito grande a ser preenchida por meio de um estudo mais detalhado e profundo.

Assim sendo, compreendemos a nossa reflexão muito superficial e sem comprovação de que realmente os professores estão despreparados psicologicamente e emocionalmente, para enfrentar as aulas presenciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o sentimento de autoestima ou baixa estima é fruto de relações de fracasso ou êxito nas relações entre o sujeito e o objeto e entre o sujeito e o mediador do conhecimento. Portanto, Afetividade é prática pedagógica, no pensar as condições de ensino, o que ensinar e suas relevâncias, sua clareza, o como organizar os conteúdos, as atividades para favorecer a interação do aluno.

Portanto, ao se pensar no retorno as aulas, é necessário primeiramente, fazer uma relação entre as práticas educacionais realizadas com afetividade e comprometimento do educador e se ele proporciona um desenvolvimento cognitivo efetivo dos seus alunos. Até porque, afetividade é um sentimento comum nas relações humanas, sentimento esse que motiva desde as atividades mais corriqueiras até as mais complicadas.

Desta forma para que alunos e professores retornem as aulas de forma harmoniosa e que realmente aconteça o desabrochar da aprendizagem, necessário se faz levar em conta o seu emocional.

Assim, o compromisso educador-educando deve ser balizado por práticas efetivas levando a um desenvolvimento cognitivo mais eficaz. Dessa forma, compreendendo de que as relações afetivas em sala de aula influenciam no processo ensino/aprendizagem. Portanto, é necessário se avaliar o estado emocional e psicológico dos alunos e professores, para que esse retorno as aulas não sejam tão estressante para ambos.

Compreendemos que a diversidade de realidades educacionais, sociais e econômicas dentro do Estado da Bahia é, por si só, um grande desafio mesmo em períodos não emergenciais. Todavia, a pandemia trouxe um cenário ainda mais desafiador e que precisa ser compreendido de maneira mais profunda, possibilitando suscitar novos conhecimentos e mapear possibilidades de ações para o presente e para o futuro.

Assim, acreditamos que o mais interessante e produtivo seria investir em soluções que possam atender ao coletivo, a um retorno às escolas a seu tempo, de forma saudável, segura e cheia de afeto, em que professores e alunos se sentissem preparados e completos para encararem a esse novo desafio.

## AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos a toda equipe que pensa, organiza e faz acontecer o CONEDU.

## REFERÊNCIAS

CHIARA, I. D. et al. [Normas de documentação aplicadas à área de Saúde](#). Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2008.

FREUD, S. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Edição standard brasileira). Rio de Janeiro: Imago, 1986 – vol. VI, VII, VIII, XVI, XVIII e XIX.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. Pensamento e linguagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.